VERÃO ENTRE FOCOS: PRÁTICAS E ESPAÇOS EM DISPUTA NA BEIRA DA PRAIA DO CASSINO – RS

Thiago Silva De Souza[1]
Méri Rosane Santos Da Silva[2]

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi mapear as práticas e os espaços em disputa que acontecem à beira mar da praia do Cassino - RS. Nesse processo, as demarcações constituídas pelas práticas moventes na orla potencializavam a possibilidade de pensar a existência de posicionamentos conflituosos às demarcações fixas, relativa às práticas e espaços delimitados pela administração municipal. E, como efeito, as demarcações moventes produzidas entre práticas e espaços em disputa, surgem como uma maneira de problematizar a própria constituição metodológica desse estudo, uma vez que, diferente de estar fixadas a "um" procedimento, "uma" teoria ou "um" sujeito, dão margem a alguns delineamentos efetivados a partir de uma rede de conexões. Por último, três pontos delimitados e delimitadores desse processo são apontados como resultado investigativo, estando imbricados a não limitação: 1) ao determinismo/centralidade do mar como fonte de práticas ligadas a orla, em vista das possibilidades de delimitação de espaços conectadas ao dinamismo da beira da praia; 2) a uma classificação/categorização das práticas, em vista às conexões possibilitadas pelos próprios enfrentamentos/demarcações por elas efetuados; 3) aos olhares ao veraneio tão somente voltado ao tempo (temporada), visto as possibilidades de delimitação dos espaços através das práticas que os produzem a partir das ocupações.

PALAVRAS-CHAVE: praia; espaços; relações de poder

UM BREVE SOBREVOO

Este trabalho é um recorte da dissertação *Verão entre focos*: práticas e espaços em disputa na beira da praia do Cassino-RS[3]. Apesar da ênfase ao longo desse texto abranger a temática expressa no título daquela pesquisa, não apenas o espaço da orla "em si" constituiu as delimitações do presente estudo. Refiro-me a dois investimentos importantes ao que tange

[1] Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Educação em ciências pela FURG.

[2] Professora do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: química da vida e saúde (FURG).

[3] Defendida em dezembro de 2013 no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande (PPGEC/FURG).

esse exercício de delimitação: 1) *Partiu pro surf*: Memórias e Amizades na Praia do Cassino – RS; 2) *Experimentações no espaço urbano do Cassino-RS*: práticas e espaços em disputa como possibilidades de delimitações acadêmicas.

Ou seja, o primeiro empreendimento trata-se de um artigo calcado em duas pesquisas delineadas a fim de obter o título de licenciado e bacharel em Educação Física, respectivamente, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Diante daqueles trabalhos, bem como nos próprios recortes constituintes do artigo, não apenas o surf surgia como mote das narrativas dos surfistas "das antigas" entrevistados. Estes, através de suas memórias, também lembravam de práticas ligadas ao velejo (Wind surf) e ao remo (Surf Boat) instigando-me a pensar em uma investigação que desse conta de pensar as práticas que acontecem atualmente no Cassino, já que, naquele trabalho o objeto de análise deteve-se no surf e o período estudado no final da década de 70 e início de 80.

Nesse sentido, se a ênfase naquele primeiro empreendimento estava envolta ao mar, no segundo, é o espaço urbano do Cassino que surge possibilitando pensar outras práticas e suas delimitações a partir das disputas que promovem quando são realizadas naquela praia gaúcha. Por outras palavras, logo em um mapeamento inicial no interior da zona urbana do Cassino destacava-se o dinamismo de algumas práticas que, por sua vez faziam emergir dois pontos delimitadores a esse presente texto: 1º) relacionado ao recorte da zona mapeada na praia, e; 2º) referente a atenção às disputas produzidas pelas demarcações dos lugares onde aconteciam as práticas.

Daquelas delimitações, algumas perguntas se faziam emergentes: que práticas constituem as disputas na beira da praia? Como e quando essas disputas ocorrem durante as ocupações da orla durante o veraneio? E, diante delas, delimitei o seguinte objetivo para o presente artigo: mapear as práticas e os espaços em disputa que acontecem à beira mar da praia do Cassino-RS.

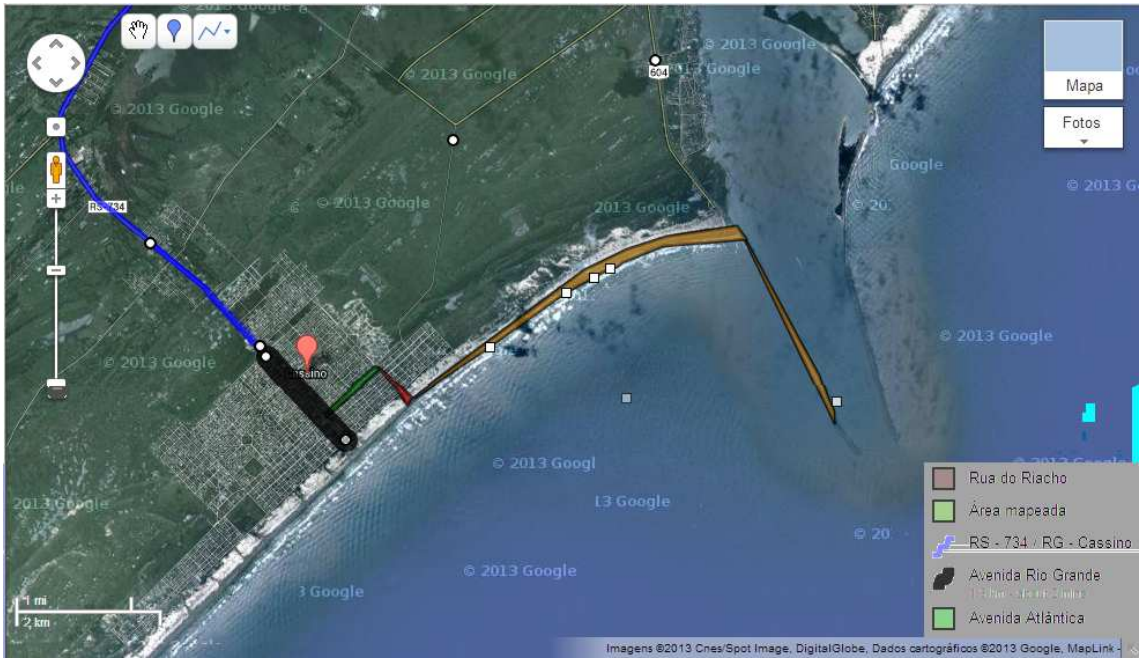
As demarcações constituídas pelas práticas moventes na orla potencializavam a possibilidade de pensar a existência de posicionamentos conflituosos às demarcações fixas, relativa às práticas e espaços delimitados pela administração municipal. E, como efeito, as demarcações moventes produzidas entre práticas e espaços em disputa, surgem como uma

maneira de problematizar a própria constituição metodológica desse estudo, uma vez que, diferente de estar fixado a "um" procedimento, "uma" teoria ou "um" sujeito, dão margem a alguns delineamentos efetivados a partir de uma rede de conexões. Tal rede é pensada, portanto, sob um viés político imbricado a um entendimento de ciência vinculado ao próprio processo investigativo, ao mesmo tempo em que me afasto de qualquer pretensão de neutralidade científica.

Em termos de organização textual, esse trabalho será apresentado a partir de três subtítulos. No primeiro, serão apresentadas algumas práticas e espaços em disputa mapeados nos verões 2011/2012 e 2012/2013 na beira daquela praia gaúcha; no segundo, são feitas as análises dos dados produzidos a partir de uma aproximação com a noção de rede que, sob a ótica das disputas, tornam as práticas e espaços mapeados produtivos pelas conexões que possibilitam; por último, três pontos delimitados e delimitadores desse processo são apontados como resultado investigativo, estando imbricados a não limitação: 1) ao determinismo/centralidade do mar como fonte de práticas ligadas a orla, em vista das possibilidades de delimitação de espaços conectadas ao dinamismo da beira da praia; 2) a uma classificação/categorização das práticas, em vista às conexões possibilitadas pelos próprios enfrentamentos/demarcações por elas efetuados; 3) aos olhares ao veraneio tão somente voltado ao tempo (temporada), visto as possibilidades de delimitação dos espaços através das práticas que os produzem a partir das ocupações.

PARTIU PRA PRAIA: PRÁTICAS E ESPAÇOS EM DISPUTA NA ORLA DO CASSINO

Imagem 1: Vista de satélite da Praia do Cassino. Fonte: Google Maps. Abril de 2013.



Inicialmente, algumas considerações não seriam necessárias para um morador ou veranista do Cassino. Mas existem os turistas, que naquela praia chegam para o verão, aqueles com experiência em outros litorais, não raramente, surpreendem-se com a possibilidade de tráfego de veículos na beira da praia. Até mesmo a comercialização de produtos na orla, ainda que também comporte os ambulantes a pé, como acontece em outras praias brasileiras, quiosques em reboques de carros, tratores, jipes ou na forma de container e ônibus também podem se destacar no olhar de alguém que se depara com a rotina de verão do Cassino.

Frente a isso, algumas pistas referentes à organização da praia impulsionavam-me a produzir registros, como a fotografia abaixo e, os respectivos apontamentos ao contexto em que era produzida, como, por exemplo, os cuidados edificados para a circulação de automóveis a beira mar:

Imagem 2: Foto da orla da praia do Cassino. Fonte: Acervo pessoal. Janeiro de 2012.

Ou seja, no verão, os "estacionamentos" próximos do mar e das dunas são estabelecidos (Imagem 2), pelos cordões de areia à direita da foto, construídos no início das manhãs, pelos tratores da Secretaria Especial do Cassino (SEC). Do lado esquerdo da foto, ainda que encoberto pelos automóveis, também são feitos os cordões de areia, os quais naquela zona mais próxima do mar delimitam as áreas de banho, protegidas pelo serviço de segurança e salvamento ao banhista.

Cabe ressaltar que a construção diária dos cordões de areia está associada não apenas a circulação de veículos na praia durante a temporada, como também à delimitação de áreas de banho. Nos dias do veraneio em que a praia sofre ação da suba de maré e das ressacas[4], acabam não se concretizando, já que, diante desses cenários, as margens do mar em

[4] No Cassino, esse fenômeno pode ser visualizado quando combinado a ação dos ventos do quadrante sul com a presença de ondulações em alto mar.

aproximação a das dunas de areia acarretam um encurtamento da orla. Nos dias que a maré sobe muitos motoristas ao serem surpreendidos acabam atolando seus automóveis, diante das ressacas, poucos são os que se arriscam a circular à beira mar no verão.

Nessa esteira, os cordões de areia delimitados naquela temporada, faziam-me pensar em outros modos de demarcar o espaço na praia, ligados, portanto, à própria ocupação dos automóveis. Em outras estações do ano afora o verão as demarcações referentes às ocupações da praia são definidas eminentemente pelos carros dos surfistas estacionados próximos às dunas, em vista, entre outros pontos, da possibilidade de uso das dunas para melhor visualização do mar para sua prática. Já no verão, essa ocupação é misturada com a chegada daqueles que vêm para o veraneio, tornando-se conflituosa frente à própria circulação à beira mar.

Por outras palavras, em meio aos surfistas, a ruptura da tranquilidade do tráfego na orla em relação às outras estações do ano, provoca uma série de lamentos ligados àquela temporada, visto as próprias investidas para realização de sua prática: "poxa, altas ondas rolando no Terminal e quando voltei do almoço o trânsito engarrafado ali no Palito[5]". Outro tensionamento recorrente, envolvendo os automóveis, tematizavam o lixo na praia: "as 'pinta' vêm pra praia de carro, fazem a festa e nem pra juntar o lixo numa sacolinha e levar pra casa".

Os próprios atos corriqueiros entre os surfistas em outras estações do ano passam a ser mais cautelosos durante o veraneio, como, por exemplo, a troca das roupas de banho após as sessões de surf, bem como a tranquilidade em deixar os carros abertos, seus cachorros soltos, bicicletas à beira mar, enquanto vão surfar. A praia como o "quintal de casa", como é tratada pelos surfistas, ganha contornos mais fechados frente à ocupação dos veranistas/turistas e à suposta vigilância que se impõem com a presença destes no verão.

Se para os veranistas/turistas o espaço da praia no veraneio pode ser visto como uma possibilidade de descanso, uma ruptura do regramento da rotina cotidiana, para os surfistas acostumados a tranquilidade do espaço à beira mar em outras estações do ano, isso passa a ser visto como um fardo em função da multidão que, entre outras coisas, buscam se banhar. Esse sentimento, ao mesmo tempo, de abertura para o veranista/turista e fechamento para os

[5] Trailer comercial de produtos alimentícios que serve como ponto de encontro para os veranistas.

surfistas/moradores, forçavam-me a pensar o processo de ocupação do espaço da praia no verão como pista das relações de disputa travadas no próprio espaço à beira mar.

Dessa maneira, ao observar as práticas em disputa na areia identificava o quão potente se constituía a orla da praia do Cassino, em vista a produção de relações que, não se expressavam apenas pelo trânsito e as demarcações ora produzidas, ora construídas, respectivamente, pelos e para os condutores dos automóveis. Dito de outra maneira, as constantes variações climáticas; as sucessivas mudanças geográficas e, os respectivos efeitos produzidos pelas relações travadas naquele lugar também auxiliavam-me a pensar o quão produtiva tornava-se as práticas e as disputas que delas emergiam ao olhar aquele espaço.

Como exemplo da produção de práticas em sintonia com o espaço da orla no Cassino, cito o *Wind Car*[6] e o *Kite Skate*[7], os quais são potencializados tanto pela ação dos ventos, como pela faixa de areia lisa e plana constituinte da geografia da beira mar do Cassino. No entanto, ainda que em harmonia com a paisagem da orla, aquelas práticas não deixam de estabelecer conflitos naquele espaço, visto que é em meio à circulação de automóveis que acontece aquele "velejar na areia".

Frente a esse contexto, lapidava algumas pistas que me pareciam interessantes a esse mapeamento, ou seja: 1) o "como" as práticas acontecem à beira mar pode ser associado às disputas pelo espaço; 2) o "quando" são realizadas no Cassino, atrelo, especialmente, as condições climáticas impostas pela geografia da orla, como, por exemplo, os ventos. Nesse sentido, por sua intensidade e assiduidade nos dias de verão, o "nordestão"[8], pode ser apontado como o mais influente, pois ao mesmo tempo em que favorece as práticas relacionadas à vela e à pipa adaptadas para as superfícies de areia, como os já citados *Wind Car* e *Kite Skate*, desfavorece outras que também acontecem na orla, como, por exemplo, a circulação de bicicletas nominalmente conhecidas como "barras fortes".

[6] O *Wind Car* são "carros", com estrutura básica formada de 3 pneus em rodas semelhantes aos carrinhos de mão. Sua fonte de deslocamento é o vento quando em contato com a vela também conectada a sua estrutura.

[7] *Kite skate* é uma prática que combina a pipa (*Kite*) responsável por embolsar o vento a fim de deslocar o praticante em um skate, o qual, para o deslocamento na areia possui rodas de borracha e diâmetro maior daqueles que deslizam no asfalto.

[8] Vento nordeste: sua direção sopra entre o quadrante norte e leste e, por sua intensidade, é apelidado no aumentativo, tanto no Cassino como em outras praias gaúchas.

Com acesso tanto em meio à faixa delimitada para os automóveis como na zona dos banhistas, as "barras fortes" podem ser observadas "estacionadas" nos arredores do antigo Terminal turístico. Se por um lado o vento nordeste impede a circulação das "barras fortes", nos dias sem vento, elas tomam a cena, demarcando aqueles que são "cassineiros"[9], isto é, que possuem casa (de veraneio ou moradia) no Cassino.

Imagem 3: Foto da beira da praia. Fonte: Acervo pessoal. Maio de 2013.

[9] O termo "cassineiro" é bastante difundido entre os surfistas do Cassino, geralmente, para demarcar a fronteira que os diferem daqueles que vem de fora (turistas e veranistas) ou, simplesmente, para delimitar os laços entre os adeptos de práticas locais, especialmente aquelas realizadas no meio aquático. Nessa esteira, através das observações que fazia no verão, as "barras fortes" surgiam como que uma extensão para a areia dos códigos delimitadores daqueles que moram no Cassino ("cassineiros"), demarcando uma certa distinção em relação àqueles que usufruem do balneário por um único dia, uma manhã ou tarde durante o veraneio.

Imagem 4: Características do Cassino em destaque. Fonte: Google Maps. Janeiro de 2013.

Imagem 5: Foto da beira da praia. Fonte: Acervo pessoal. Janeiro de 2013.

A aglomeração no "Terminal" não diz respeito apenas às bicicletas, como, também, aos automóveis, serviços gastronômicos e escolas com aulas de algumas práticas ligadas ao mar. Ou seja, mesmo constituindo-se estruturalmente como ruínas de pedra[10] daquilo que no passado foi uma zona de camping, o "Terminal" não se limita à estrutura visível e decadente daquela construção, pelo contrário, delimita uma zona de ocupação, por exemplo, dos "cassineiros" que de bicicleta se direcionam àquele lugar.

Tomando também as relações travadas pelas surfistas, o "Terminal", além de conhecido como um "pico" (lugar) de boas ondas, principalmente, no inverno, constitui-se no verão como um lugar de encontro na areia, uma espécie de reduto não só dos surfistas como

[10] Ruínas de paredes encobertas por vegetação e pela própria areia das dunas que circunda o local. A estrutura mais imponente é o que aparenta ter sido uma caixa d´água.

de outros adeptos de práticas ligadas ao mar. Por outras palavras, o *Kite Surf* e *Sand Up Padley* (SUP)[11] também delimitam aquele espaço pelas relações que estabelecem, isto é, a própria distribuição dos equipamentos para aquelas práticas a beira mar, demarcam relações de força que, pelo constante processo de disputas que produzem, constituem parte da produtividade ligada as ocupações naquela zona.

Imagem 6: Beira da praia com destaque às pranchas. Fonte: Acervo Pessoal. Em dezembro de 2012.

Outra prática mapeada com recorrência na orla da praia do Cassino foi o futebol. Nos jogos que aconteciam na zona de banho, as linhas demarcatórias, quando desenhadas na areia, estão apenas ao lado dos "golzinhos fechados", construídos de diferentes maneiras (morrinhos de areia, espiga de milho verde, chinelos e outros). As delimitações laterais do "campo" são: de um lado o mar e, de outro, os carros, as pessoas que tomam sol e conversam em volta dos automóveis. Em ambos os lados, as disputas giram em torno das boladas que geram desconfortos quando acertam os carros, os próprios proprietários dos veículos ou quando atingem àqueles que realizam caminhadas à beira mar.

[11] Sand Up Padley (SUP) é uma prática com remo, o qual além de propiciar a remada do praticante em pé em cima da prancha em dias sem ondas, pode ser usado na realização de manobras quando tem onda.

Alguns comentários, quando não se esgotavam nos pedidos de desculpas, apontavam para dizeres como: "aqui não é lugar de jogar bola!", "os incomodados que se retirem!". A influência do vento nessa prática se dá na disputa dos dois times para começar o jogo a seu favor, especialmente, pelas longas distâncias que deslocam a bola, quando carregada pelo vento para além dos limites estabelecidos pelos "golzinhos fechados".

Imagem 7: Beira da praia ocupada para comércio e práticas esportivas. Fonte: Acervo Pessoal. Dezembro de 2012.

Outras práticas registradas que acontecem à beira mar no Cassino foram a bocha[12] e a petisca[13]. Essas sofrem menos influência dos ventos, uma vez que os materiais utilizados para os jogos são, na maioria das vezes, feitos de pedra: pequenos discos circulares na petisca e bolas na bocha. Além disso, se destacavam as diferentes faixas etárias daqueles que

[12] Jogo praticado por duas equipes que consiste em lançar bolas (bochas) em direção a uma pequena bola previamente lançada, chamada de bolim. Vence o jogo a equipe que dispor mais bochas próximas ao bolim.

[13] A petisca é um jogo de pontaria que consiste no arremesso de discos em que os jogadores buscam acertar um primeiro disco arremessado para dar início à partida. Os pontos são contabilizados pelo número de acertos ao alvo inicial ou através dos discos com maior proximidade deste.

participavam dos jogos, indo dos jovens que entre uma jogada e outra apreciavam uma cervejinha, até os velhos que utilizavam àquelas práticas para unir os parentes.

A demarcação dos lugares para a realização dessas práticas era feita com riscos na areia, mas não se limitavam a eles, visto que as delimitações ocorriam até mesmo quando os participantes faziam intervalos entre uma partida e outra, uma vez que os materiais muitas vezes ficavam distribuídos na orla.

Imagem 8: Jogo de Bocha na beira da praia. Fonte: Acervo pessoal. Dezembro de 2012.

Imagem 9: Demarcações para práticas na beira da praia. Fonte: Acervo pessoal. Dezembro de 2012.

Ambas aconteciam dentro dos cordões de areia mais próximos do mar e tinham como ponto comum o fato do grupo de praticantes pertencerem a cidades próximas a Rio Grande, a saber, Dom Pedrito e Bagé, situadas na chamada microrregião da campanha[14] do Rio Grande do Sul. Ainda que não possa afirmar que todos os grupos que realizam a bocha e a petisca na beira da praia são pertencentes àquela região, torna-se importante acenar a imbricação entre a difusão das práticas na orla e as migrações daqueles grupos durante o veraneio. Isso era visto em algumas conversas com praticantes que apontavam àqueles jogos como parte de seus costumes locais e a possibilidade de praticá-los à beira mar fazia com que trouxesse para suas estadas no veraneio os equipamentos para a realização.

Os discos de pedra para o jogo de petisca, bem como as pranchas distribuídas à beira mar, faziam-me pensar o quanto serviam como modo de demarcação dos espaços na orla.

[14] Outras cidades como Aceguá, Hulha Negra e Lavras do Sul também compreendem aquela microrregião gaúcha, sendo possível visualizar placas de carros daqueles municípios na orla. A essas ocupações somam-se os habitantes da cidade de Pelotas e Camaquã (microrregião sul e centro sul).

Nela, a demarcação surgia em sintonia ao próprio acontecer das práticas, as quais impunham também um dinamismo às delimitações espaciais.

Além disso, outra prática registrada foi a pesca. No entanto, diferente das anteriores, a pescaria era realizada no interior das estruturas de pedra (oeste) dos Molhes da Barra. Naquele local, ao longo dos aproximados 4 km de sua extensão, discernia inúmeras maneiras de pescar. Nos primeiros 500 metros se destaca a pesca esportiva com varas. Passada aquela quilometragem, apareciam os pescadores com redes e tarrafas. Após observar duas "barras fortes" e, conversar com um pescador, percebia que as "barras fortes" não vinham a praia saídas apenas do Cassino, mas também da vila da Barra[15].

Imagem 10: Interior do molhe (oeste) da praia do Cassino. Fonte: Acervo pessoal. Janeiro de 2012.

[15] Localidade próxima à extremidade norte da praia do Cassino.

Também na conversa com os pescadores, percebia que o "nordestão", se por um lado diminuía o fluxo das "barras fortes" até o Terminal, trazia os pescadores da vila da Barra em bicicletas até o Cassino, pela possibilidade de "tarrafear" a favor do vento no Molhe oeste. No sentido da harmonia com o vento também surge o *Kite surf*, prática comum de acontecer no lado dos molhes em dias de "nordestão", já que, as pedras dos molhes deixam o mar liso propiciando o velejador deslizar com sua prancha, ao mesmo tempo em que numa altura acima das pedras, a "pipa" (kite) embolsa o vento, permitindo o deslocamento do velejador.

Portanto, o "velejo" e a "pescaria" ao lado dos Molhes nos dias de "nordestão" são requisitados por dois motivos correlatos: 1) sintonia dos equipamentos de cada prática com a direção do vento; 2) proteção das pedras na ação do vento, deixando o mar liso no lado da praia do Cassino.

Imagem 11: Foto destacando as condições geográficas da praia. Fonte: Google Maps. Abril de 2013.

Dessa forma, a disputa entre os pescadores e velejadores, no lado dos molhes oeste da barra, efetiva-se por enfrentamentos em torno dos inconvenientes que um suposto atrito entre os equipamentos de ambas as práticas pode causar. Essas disputas remetiam-me a outras

observações produzidas durante o veraneio à beira mar, especificamente, através das enunciações das fotografias a seguir.

Imagem 12: Placa na orla da praia do Cassino. Fonte: Acervo pessoal. Janeiro de 2012.

Imagem 13: Placa ao lado da guarita de salva vida na orla. Fonte: Acervo pessoal. Janeiro de 2012.

Diante do indicativo de proibição da pesca na orla durante o veraneio, a presença dos pescadores nos Molhes da Barra, ainda que com sentidos relativos à direção do vento, não se resume a uma simples opção. Essa ênfase frente à pesca no Cassino, chamava atenção pela recorrência do envolvimento daquela prática no cenário de disputa por espaço à beira mar. Refiro-me às considerações reveladas ao "Programa surf legal" [16] apresentado pelo Governo do Estado do RS em que, em nome da segurança dos surfistas, a pesca era alocada para fora da zona que vai da Querência até os Molhes da Barra, sendo ao surf também delimitadas áreas para sua realização. Será a prática do *Kite surf* o próximo delimitador do espaço onde a pesca não poderá ser realizada?

[16] "Surf legal" é um decreto que visa a delimitação de áreas relativas às práticas do surf e da pesca, lançado em 2009, com repercussão em todos os litorais do Rio Grande do Sul.

Ao dedicar maior atenção às placas que buscam estabelecer lugares para determinadas práticas à beira mar, outras enunciações faziam-me pensar que as disputas dos velejadores de *Kite surf* não eram apenas com os pescadores, em função do perigo que as linhas e as redes de pesca impunham para sua prática. Constitui-se um enfrentamento as próprias demarcações pré-determinadas pelo poder público, já que, ocupar o canto, entre os molhes e a beira da praia, estava mais ligado aos sentidos criados pela sintonia com o vento, e com as pedras, do que propriamente a área delimitada por cordões de areia e placas a beira mar para sua realização, distante cerca de 1 km dos molhes:

Imagem 14: Placa indicando local para esportes náuticos. Fonte: Acervo pessoal. Janeiro de 2012.

A placa na fotografia acima, também me fez pensar o *surf* em sua não limitação àquele lugar. Isso acontece nem tanto pela sintonia com o vento ou com o mar estabelecidas pelos velejadores de *Kite surf* e pelos pescadores em relação ao canto do molhe oeste, mas pela preferência dos praticantes do surf em ocupar lugares na beira da praia a partir das relações

sociais que estabelecem em alguma zona específica, como a do antigo Terminal Turístico durante o verão.

DO SURFISTA AOS MODOS DE PRODUÇÃO A BEIRA MAR

> É preciso agora ficar com um mapa só de linhas e nós, menos localização e mais relação, menos territórios geográficos e mais territórios existenciais e subjetivos. O fundo do mapa agora tem que ter uma cor só, ou não ter cor nenhuma, porque não interessa mais de que matéria ele é composto. Interessam as linhas e os nós (HECKTHEUER, 2012, p. 51).

Do fragmento acima, algumas pistas despertaram-me a falar sobre o mapeamento apresentado até aqui, não apenas em termos de localização geográfica e sim em busca de conexões com as relações, os territórios existenciais e subjetivos. Assim, um ponto que destaco primeiramente diz respeito às delimitações ligadas a produção dos próprios mapas geográficos, confeccionados a partir do *Google Maps*. Essa escolha estava ligada à versão que, ao invés de capturar imagens por satélite, as produz através de câmeras acopladas em automóveis, denominada *Google Street View*, responsável pelas imagens de ruas e avenidas das cidades. A maneira de operar daquele programa serviu de inspiração ao processo de produção de imagens, visto que foi circulando pelas ruas, avenidas e orla do Cassino, com câmeras, que fui produzindo alguns dados. No entanto, um ponto destaco pela diferenciação para com aquele programa: meio de transporte usado. 2) demasiada preocupação com as arquiteturas em sobreposição às relações (esse ponto será apresentado posteriormente).

O primeiro ponto condiz ao meio de transporte usado para a produção dos dados, uma vez que, nessa investigação, foi utilizada uma bicicleta. Ela tornou-se potente na constituição dos procedimentos investigativos (bem como será descrito adiante) justamente pelos fluxos que produziam e, ao segui-los, num vaivém do urbano à orla do Cassino, conectava a "leitura" das práticas à noção de "rede":

> [...] pouco importa suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e bifurcação. Por isso, a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões e não numa lógica das superfícies (KASTRUP, 2003, p. 53).

Essa noção de rede conectada à dinamicidade da praia no que se refere às ocupações que lá aconteciam no verão, potencializava a vontade de dedicar esforços a um mapeamento

daquele lugar. Para tanto, ao adentrar na orla na temporada 2012/2013, uma nova estratégia para a captura de imagens foi delineada. Aludo à adaptação em um suporte para a cabeça da câmera de vídeo[17], que habitualmente utilizo para surfar.

Dessa maneira, o intuito foi penetrar no interior das relações produzidas pelas disputas entre as práticas que aconteciam na orla do Cassino. Assim, somavam-se as diferenças no quesito meio de transporte em comparação aos automóveis utilizados pelo *Google Maps*, uma intencionalidade, relativo a segunda diferenciação ao *Google Maps*, isto é, menos atenção às arquiteturas e mais as redes de conexões produzidas pelas disputas entre as práticas e os espaços a beira mar.

Vale ressaltar que, se no verão 2011/2012 em meio a orla, a produção de dados em imagens, por exemplo, centrava-se em observações a partir das vias automotivas, nas quais entre outras coisas registrava os cordões de areia e as placas que delimitavam algumas práticas permitidas e proibidas correspondentes ao uso do mar, no verão de 2012/2013, ao seguir as "barras fortes" e acompanhar os processos de ocupações que se efetivavam no interior das zonas delimitadas pelos cordões de areia, outras práticas tornavam-se possíveis de serem conectadas a rede.

As delimitações ligadas às imagens e, imbricadas às disputas, fazia-me pensar na possibilidade de suscitar certa demarcação também com palavras para o mapeamento daquele lugar, quando da articulação entre o processo de produção dos dados imagéticos e a respectiva articulação com essa escrita. Por outras palavras, na orla, as fotografias e mapas produzidos, ao mesmo tempo em que me permitiam expor as demarcações moventes que aconteciam a beira mar do Cassino, faziam-me, na configuração desse texto, fixar a dinamicidade das práticas e espaços através dos dados imagéticos, forçando-me a pensar a produtividade movente também da escrita para as conexões do mapeamento.

Nessa esteira, atrelo as considerações de Kirst (2003, p.50)[18], quando salienta que "dar sentido ao ambiente, pela imagem, é mensurar as mensagens contidas nesse signo, estancando

[17] Refiro-me à câmera digital GO PRO, a qual, junto a um suporte próprio para seu acoplamento na cabeça, permitiu-me captar imagens ao mesmo tempo em que pedalava. Por não possuir visor para o enquadramento manual entre o olhar e o contexto gravado, procurei posicionar o suporte com a câmera no centro da testa, tendo como noção focal os olhares que lançava às práticas e aos espaços. Após transpassar o vídeo ao computador, pude constituir o enquadramento das imagens através de cortes ao longo da gravação.

as derivações virtuais através do encontro de certa textura que se torne o equivalente discursivo para a rede apresentada". Nessa perspectiva, temos das delimitações escritas que configuram esse texto a partir das disputas entre as práticas e espaços à textura da rede imagética tecida na orla.

Soma-se a esse contexto, o dialogo que a autora estabelece com Foucault, para o qual, segundo ela: "o ver e o falar compõe o território em que o saber é operado. Já o poder se produz bem na separação entre o olho e a palavra" (KIRST, 2003, p. 50). Trazendo para o campo em questão, nesse território, o investigador não considera o mar como "o" lugar de suas encen(ações). Tampouco esse território é reservado a descrever o interior das relações que abordam o mar como lugar único para o exercício de práticas na orla, visto que, visto as cenas e ensaios como possibilidades de tornar visível diferentes olhares imbricados às disputas entre práticas e espaços que na orla aconteciam.

Desse modo, estar atento a diferentes posicionamentos (ora imagéticos, ora através dos ditos), estabelecendo conexão a uma série de outras práticas, tornou-se, sobretudo, uma postura estratégica para a construção das imagens e, respectivamente, para produzir a rede de relações imbricadas ao mapeamento.

> [...] não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de serem sobrepostos (FOUCAULT, 2009, p. 414).

Nessa esteira, essas conexões empreendidas em uma aproximação à ideia de "rede", força-me problematizar o próprio revezamento entre um território mais geográfico e um mais subjetivo, forçando-me problematizar, também, uma unidade que poderia corresponder a "uma" posição de sujeito fixada a condição de surfista. Para tanto, Foucault (2013) novamente traz pistas importantes quando discute a posição do "intelectual", especificamente, ao questionar, um modelo universal de escritor pautado no que chama de "jurista-notável", o

[18] No artigo, a autora discorre, entre outras coisas, sobre o caráter textual das imagens, as quais, segundo a autora, são "textos imagéticos", à medida que consideramos a intencionalidade narrativa imbricada nas escolhas ligadas a seu processo de produção (sequencialidade, enquadramento, tomada, objetos central e objetos periféricos, posição de captação, notas, horizontalidade ou verticalidade, desfocagem etc.) e visto o sentido cultural que essas opções traduzem.

qual teria como ponto de partida a "universalidade da lei justa" que, ao evocar a escrita, trata a teoria como determinante.

Ao que interessa a esse trabalho, surge a posição do "intelectual específico", visto, principalmente na figura do "cientista-perito", menos preocupado com a "lei" ou "teoria", já que o interessa são diagnósticos/mapeamentos do revezamento entre a prática e a teoria que, nesse trabalho pode ser identificado no entrelaçamento do processo de produção dos textos imagéticos (territórios geográficos) e escritos (territórios existenciais). Nas palavras de Deleuze (*apud* Foucault, 2013, p.130) nessa perspectiva,

> [...] o intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. [...] Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede.

Nesse trabalho, a resistência a um determinismo referente ao objeto de análise, pode ser vista, por exemplo, ligada aos esforços de não considerar como práticas e espaços relativos a orla, somente àquelas/es ligados ao mar, bem como expresso pelas delimitações (em placas) pelo poder público municipal. Essa resistência, nas palavras de Foucault (2013, p. 360) "não é uma substância. Ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea".

Em outras palavras, o "poder", para o autor, assim para o que tange esse trabalho, não estaria ligado a uma estrutura unitária relacionada, por exemplo, a administração municipal da orla que poderia corresponder a um viés fixo (legislativo) de análise, uma vez que o poder está difuso, age em rede, muito mais que regido ou fixo por/a uma instância hierárquica que o centralizaria. Seguindo Foucault (2013), as demarcações moventes são ainda engendradas a um modo de resistência a fixidez demarcatória de espaços e práticas na orla, uma vez que, para o filósofo, a "resistência" deve ser móvel, inventiva, produtiva em sintonia com o "poder" e "como ele, venha de 'baixo'", ramificando-se de maneira estratégica. Nessa perspectiva, identificava o quão potente eram os enfrentamentos de forças, entendidos nesse trabalho através das demarcações moventes, visto a produtividade das disputas entre práticas e espaços para a constituição do recorte da orla do Cassino mapeado no verão, bem como de algumas delimitações produtoras dessa investigação.

Portanto, o conjunto de práticas e espaços que constituem essa rede, forjada pelas disputas enquanto relações de poder imbrica-se, principalmente, a uma concepção política atrelada ao agir investigativo inspirada nas teorizações de Michel Foucault. A pista que disso surge está ligada à possibilidade de considerar as demarcações moventes enquanto força inventiva, traduzidas por disputas específicas em um contexto local, que já não pode mais ser vinculado a uma organização unitária, visto a própria difusão do poder ao interior das relações sociais. Nessa perspectiva, é que as relações de poder, enquanto disputa entre as práticas e os espaços na orla do Cassino emergem como potentes ao mapeamento, especialmente, ao se constituírem como lutas específicas, que através de demarcações próprias produzem aquele espaço, atualmente, durante o veraneio.

QUE VENHAM OUTROS OLHARES

Nesse jogo de revezamentos, possibilitados por um vaivém dos territórios geográficos aos territórios subjetivos através das imagens às escritas, é possível perceber a existência simultânea de alguns fechamentos (como o dos surfistas quando sensibilizados pelas chegada dos turistas/veranistas nos verões), com o sentimento de abertura relacionado ao rompimento das rotinas daqueles vem para o veraneio. Assim, abrem-se também com essas ocupações, possibilidades para pensarmos a produtividade das práticas e espaços quando imbricadas a posições de distintos olhares constituídos pelas demarcações moventes produzidas nas disputas na orla – e, portanto, mais espaciais e menos temporais –, discutidas aqui enquanto relações de poder inspiradas no trabalho de Michel Foucault.

Ao que concerne a esse exercício investigativo, essas demarcações móveis ligadas às práticas e aos espaços, potencializaram três pontos, delimitados e delimitadores desse processo que, podem ser expressos pela não fixidez: 1) ao determinismo/centralidade do mar como fonte de práticas ligadas a orla frente às possibilidades de delimitação de espaços, vistas pelas conexões com o dinamismo das práticas na orla; 2) a uma classificação/categorização das práticas, em vista às conexões possibilitadas pelos próprios enfrentamentos por elas efetuados; 3) aos olhares ao veraneio tão somente voltado ao tempo (temporada), visto as possibilidades de delimitação dos espaços através das práticas que os produzem a partir das ocupações.

Nessa esteira, essas conexões empreendidas em uma aproximação a ideia de "rede", força-me a apontar a produtividade do vaivém constituinte do presente processo, constituído pelo mapeamento de práticas e espaços, bem como de suas delimitações, suspeitando que seria interessante voltar esses olhares para a Educação Física, buscando posicionamentos mais "específicos" de algumas práticas mapeadas na orla e que aqui foram pouco discutidas, como, por exemplo, a pesca esportiva, o *Wind car*, o *kite surf*, a bocha; a petisca e o futebol de beira de praia, entre outras, que poderiam ser imbricadas a essa área do conhecimento, sob o viés da cultura, do corpo, da memória, do lazer, gênero e outras temáticas que constituem grupos de estudos da Educação Física.

ABSTRACT

The aim of this study was to map the practices and spaces in dispute that happen Seafront Beach Casino - RS. In this process, the demarcations made by moving the edge practices fortified the possibility of thinking the existence of conflicting positions to fixed demarcations on the practices and spaces delimited by the municipal administration. And, in effect, the moving boundaries produced between practices and spaces dispute arise as a way to discuss the constitution of this methodological study itself, since, different from being set to "a" procedure, "a" theory or a "subject", give rise to some designs effective on a network of connections. Finally, three points defined delimiters and this process are indicated as investigative result, being interwoven not limited to: 1) the determinism/centrality of the sea as a source of practices related to the waterfront, in view of the possibilities of delimitation of spaces connected to the dynamism of the beach; 2) a classification/categorization of practices, in order to connections made possible by the clashes/demarcations made by them; 3) looks to the summer solely geared to time (season), since the possibilities of delimitation of spaces through practices that produce them from occupations.

KEYWORDS: beach; spaces; power relations

RESUMEN

El objetivo de ese trabajo fue mapear las practicas y espacios en disputa que ocurren al borde del mar de la playa del Cassino- RS. En ese proceso, las demarcaciones constituidas por las prácticas movientes en la orla potencializaban la posibilidad de pensar la existencia de posicionamientos conflictuosas a las demarcaciones fijas, relativa a las prácticas y espacios delimitados por la administración municipal. Y como efecto, las demarcaciones movientes producidas entre prácticas y espacios en disputa, surgen como una manera de problematizar la propia constitución metodológica de ese estudio, una vez que distinto de estar fijado a "un" procedimiento, "una" teoría o "un" sujeto, dan margen a algunos delineamientos efectivados a partir de una red de conexiones. Por último tres puntos delimitados y delimitadores de ese proceso son señalados como resultado investigativo,

estando imbricados a no limitación: 1) al determinismo/centralidad del mar como fuente de prácticas asociadas a la orla, en vista de las posibilidades de delimitación de espacios conectados al dinamismo del borde de la playa; 2) a una clasificación/categorización de las prácticas, en vista las conexiones posibilitadas por los propios enfrentamientos/demarcaciones por ellas efectuados;3) a los mirares al veraneo tan solamente vuelto al tiempo(temporada), visto las posibilidades de delimitación de los espacios por intermedio de las prácticas que los producen a partir de ocupaciones.

PALABRAS CLAVE: playa; espacios; relaciones de poder.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. Não ao sexo rei. In: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.

_____. Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.

_____. Outros espaços. In: *Ditos & escritos, vol III -– Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HECKTHEUER, L.F. Projetos sociais esportivos: ensaios sobre uma proliferação na cidade do Rio Grande – RS. (Doutorado em Educação em ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde – Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2012, 154f..

KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: FONSECA, T. KIRST, P. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KIRST, P. Redes do olhar. In: FONSECA, T.; KIRST, P. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

Endereço: Buarque de Macedo, 40 /Bairro: Cidade Nova/ CEP: 96211110/ Rio Grande/RS.

E-mail: tesurfing@hotmail.com